

O olhar de futuros bibliotecários sobre a apropriação de práticas sociais em ambientes digitais por adultos não ou pouco escolarizados

Eliane Apolinário Vieira Avelar (UFMG) - elianeavieira@gmail.com

Cesar Dos Santos Moreira (IFMG) - cesar.moreira@ifmg.edu.br

Resumo:

Este texto é fruto de reflexões e discussões realizadas durante o segundo semestre de 2018 em uma aula de uma disciplina optativa para alunos da graduação do curso de Biblioteconomia diurno de uma universidade federal. O objetivo geral desse trabalho é apresentar como os alunos da Geração Z veem as condições dos adultos não ou pouco escolarizados de se apropriarem de práticas sociais que se realizam em ambientes digitais ou de participarem de algum modo dessas práticas na sociedade atual. A turma foi composta por 17 alunos. A maioria dos alunos era do 5º período do curso, mas também havia alunos do 2º, 7º e 8º período. Para fomentar a discussão havia sido indicado para a leitura um texto que abordava o uso da tecnologia e a participação em letramentos digitais em contexto de desigualdades. Esse tipo de discussão com os alunos da graduação visou em despertar uma visão mais crítica para esse tipo de público e instiga-los a pensar como futuros profissionais, sendo capazes de atuarem em iniciativas voltadas a esse público permitindo a participação na cultura digital. Na atualidade, podemos presenciar pessoas pouco escolarizadas ou não se apropriarem das tecnologias para estreitar distâncias, fazendo uso das redes sociais. Sabemos o potencial que as tecnologias podem despertar, e o seu uso é que determina o que esperamos dela. Mesmo em espaços contraditórios e desiguais como a nossa sociedade precisamos dessas habilidades para sermos inseridos em certas práticas sociais.

Palavras-chave: *Inclusão social. Democratização da informação. Cidadania. Cultura digital*

Eixo temático: *Eixo 2: Não devemos deixar ninguém para trás*



XXVIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação

Vitória, 01 a 04 de outubro de 2019.

1 Introdução

Este texto é fruto de reflexões e discussões realizadas durante o segundo semestre de 2018 em uma aula de uma disciplina optativa para alunos da graduação do curso de Biblioteconomia diurno de uma universidade federal. A disciplina teve como objetivo discutir as temáticas relevantes para a área de Ciência de Informação, tendo como escopo as interlocuções entre a informação no mundo digital, a inclusão e o empoderamento de adultos não ou pouco escolarizados em face das problemáticas presentes na sociedade contemporânea. Sendo assim, um item do conteúdo programático se tratava da temática aprendizagem e comunicação no mundo digital.

Diante desse contexto, o objetivo geral desse trabalho é apresentar como os alunos da Geração Z veem as condições dos adultos não ou pouco escolarizados de se apropriarem de práticas sociais que se realizam em ambientes digitais ou de participarem de algum modo dessas práticas na sociedade atual. Cunha, Amaral e Dantas (2015) definem a Geração Z como a geração daqueles que nasceram a partir da década de 1990, para os quais as mídias digitais e as novas tecnologias fazem parte do seu cotidiano e são caracterizados, particularmente, proficientes com as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs).

Relatos de experiência dessa natureza se justificam por poder compartilhar com os profissionais da área a importância de realizar esse tipo de reflexão com alunos da graduação, futuros bibliotecários e que possuem grande interação com a tecnologia. Vivemos em uma sociedade em que existe uma expansão desenfreada das tecnologias e é importante refletir sobre o papel do bibliotecário em trazer propostas de inserção desses sujeitos que ainda estão à margem desse processo.

2 Apropriação de práticas sociais em ambientes digitais

A turma foi composta por 17 alunos. A maioria dos alunos era do 5º período do curso, mas também havia alunos do 2º, 7º e 8º período.

Este texto é fruto das discussões em uma aula cuja temática central era “aprendizagem e comunicação no mundo digital”. Para fomentar a discussão havia

sido indicado para a leitura um texto que abordava o uso da tecnologia e a participação em letramentos digitais em contexto de desigualdades.

A reflexão iniciou-se com a questão da desigualdade e segregação social por meio da escrita e, ao chegar nos dias de hoje, a questão da leitura e escrita no meio digital. De acordo com Graff (1990), a escola e o domínio da escrita têm sido historicamente explorados como canais e justificativas para a manutenção de desigualdades e não como vias de acesso. Considerando o grande número de informações disponíveis no meio digital, é relevante pensar como fica o acesso das pessoas que não acompanharam o processo de leitura e escrita digital.

Sendo assim, foram colocadas as seguintes questões para a turma: “adultos não ou pouco escolarizados estão ou não em condições de se apropriarem de práticas sociais que se realizam em ambientes digitais ou de participarem de algum modo dessas práticas? Diante deste questionamento, como você vê esses sujeitos posicionados na sociedade atual? ”

As respostas diante da referida questão iniciaram-se dando destaque que esses sujeitos muitas vezes consideram que estão tão “atrasados” que não conseguem acompanhar essas práticas do mundo digital. Ressaltaram, também, que esse público em questão se torna analfabeto funcional diante do domínio tecnológico de cada um. E que a tecnologia introduzida por forma de obrigação se torna crítica e desmotivadora diante as dificuldades que são apresentadas, fazendo com que o indivíduo tenha um pensamento de alta crítica muito cruel sobre si mesmo.

Um ponto que ficou bem evidente na resposta deles foi que é necessário incluir esses adultos nas práticas sociais em ambientes digitais, e que sejam orientados a se apropriarem do que o ambiente fornece. Possibilitar autonomia à essas pessoas é expandir seus horizontes e diminuir desigualdades. Excluir é distanciar e agir de forma negligente. Em vista de como o mundo funciona nos dias de hoje, não é minimamente aceitável que se aceite a exclusão dessas pessoas ou que, ainda, se considere a possibilidade de que não conseguiriam se adaptar.

Quando a questão do avanço desenfreado da tecnologia apareceu nas discussões, os alunos colocaram o ponto de que, à medida que a tecnologia avança, e multiplicam-se seus recursos, multiplicam-se também as vantagens daqueles que têm melhor condições de aproveitar-se dessa tecnologia. Essa diferença fica visível entre as diferentes classes econômicas e sociais de um país, sendo que os que têm mais privilégios usualmente têm vantagens de recursos informacionais, tendo conhecimento de como utilizar e acessar as TICs, usando-as a seu favor. Por outro lado, as classes mais marginalizadas não têm essas vantagens, tendo o acesso limitado e, às vezes, inexistente.

É importante destacar que alguns alunos responderam que, atualmente, com os comandos realizados por meio do toque (celulares *smartphones* e *tablets* e alguns notebooks), a pessoa não ou pouco escolarizada, seja ela jovem ou adulto, possui plena competência em usufruir dos ambientes digitais uma vez que alguém a apresente e mostre-a como usar. Além disso, enfatizaram que esses adultos com pouca escolarização têm e podem sim se apropriar de práticas sem, contudo, se aprofundarem em questões muito complexas.

Por fim, os alunos enfatizaram também que o nível de escolaridade não é o que mais influencia na apropriação ou não das práticas sociais em ambientes digitais. Destacaram que, no meu cotidiano, convivem com diversas pessoas com baixo nível de escolaridade, mas que, entretanto, possuem acesso e participação em diversos ambientes digitais: jogam no celular, acessam o Facebook e Whatsapp e fazem buscas simples no Google, por exemplo. Pode ser que em locais mais afastados dos centros urbanos, aliado com a baixa condição de aquisição desses dispositivos, as pessoas tenham sim uma menor condição de acesso. Culturalmente o celular, principalmente, torna-se cada vez mais protagonista na vida do cidadão brasileiro, assim como a televisão se tornou um dia.

3 Considerações Finais

A partir da experiência aqui relatada, permite-se verificar que os graduandos da Geração Z, a partir da leitura do texto e das observações cotidianas, perceberam que esses sujeitos estão, muitas vezes em desvantagem, mas não devem ser inferiorizados diante da supervalorização da escolarização. Tal desvantagem, muitas vezes, está ligada ao fato de não terem as ferramentas de acesso ao ambiente digital ou, em alguns casos, tê-las mas não tem um apoio para iniciar a utilização.

Diante desse contexto, é importante refletir sobre o papel das bibliotecas nesse ambiente de desigualdade. Isso perpassa, principalmente, por reflexões acerca da desigualdade que promove uma cultura do privilégio pautada na desigualdade, diante da expansão desenfreada da tecnologia, em que tudo muda numa velocidade vertiginosa e muitos não conseguem acompanhar, ficando, assim, “para trás”.

Esse tipo de discussão com os alunos da graduação visou em despertar uma visão mais crítica para esse tipo de público e instiga-los a pensar como futuros profissionais, sendo capazes de atuarem em iniciativas voltadas a esse público permitindo a participação na cultura digital.

Na atualidade, podemos presenciar pessoas pouco escolarizadas ou não se apropriarem das tecnologias para estreitar distâncias, fazendo uso das redes sociais. Sabemos o potencial que as tecnologias podem despertar, e o seu uso é que determina o que esperamos dela. Mesmo em espaços contraditórios e desiguais

como a nossa sociedade precisamos dessas habilidades para sermos inseridos em certas práticas sociais.

Referências

CUNHA, Murilo Bastos da; AMARAL, Sueli Angelica do Amaral; DANTAS, Edmundo Brandão. **Manual de estudo de usuários da informação**. São Paulo: Atlas, 2015. 448 p.

GRAFF, Harvey. O mito do alfabetismo. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, 1990, p. 36-64.